

Roseira: Cidade Flor do Vale

Roseira: o significado do nome

O nome do município (Roseira) deriva do bairro da Roseira, localizado à margem do Caminho Real que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, no século XVIII, em área anteriormente pertencente ao município de Guaratinguetá, que compreendia os bairros da Capela (Aparecida), Itaguassu, Pedras, Veloso, Roseira, Pirapitingüi, Pindaitiba, Mato Dentro e Santa Cruz.

Segundo a tradição oral, o nome Roseira se originou das rosas silvestres (cor branca brava e a rosinha trepadeira denominada "mariquinhas") existentes à margem do caminho, onde se localiza o bairro de Roseira Velha.

O professor Francisco de Paula Santos, de tradicional família roseirense, em manuscrito existente na Biblioteca do Museu dos Ciclos Sócio-Econômicos do Vale do Paraíba, afirma que as rosas silvestres e a rosinha trepadeira cobriam as cercas e as divisas das propriedades ao longo do Caminho Real, mais tarde, Caminho do Imperador.

A citação mais antiga de "Roseira" aparece no inventário de Ana Jacinta de França, mulher do Guarda-Mor José Francisco Guimarães, senhor de engenho no bairro de Pirapitinguí, falecida em 18 de maio de 1813 e inventariada na Vila Real de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba. Na avaliação dos "bens de raiz" aparece "... um sítio na paragem denominada Roseira, no districto de Guaratinguetá, com dois lanços de casas cobertas de telha e engenho, partindo a testada com a estrada que vai para Pindamonhangaba..." E no decorrer da avaliação dos bens" ... declarou ela dita inventariada no seu casal haver uma Senhora da Piedade ..." (Inventário de Ana Jacinta de França/ Cartório do Primeiro Ofício/ Comarca de Pindamonhangaba/ Ano de 1813/ fls. 21.

Aspectos Históricos e Econômicos

A história de Roseira insere-se na história de Guaratinguetá e do Vale do Paraíba desde os primórdios do desbravamento e povoamento dos sertões valeparaibanos, com as primeiras entradas e bandeiras de aventureiros e sertanistas que na segunda metade do século XVI, partindo da vila de São Paulo de Piratininga demandavam os sertões do Paraíba, com o objetivo de combater e aprisionar os índios que habitavam a região, aliados dos tamoios do litoral e inimigos dos portugueses.

De acordo com o historiador José Luiz Pasin, no município de Roseira existem duas jazidas arqueológicas não exploradas, com restos de cerâmica e objetos líticos, provenientes das tribos que habitavam a região.

A presença indígena em Roseira e na região valeparaibana é atestada pela denominação dos acidentes geográficos (Paraíba, Pirapitingui, Itaguassu, Itaguaçutiba, Pindaitiba, Mantiqueira), pela denominação da flora e da fauna, dos peixes, répteis, aves, pássaros, frutas, pela herança genética dos moradores da área rural, pelos mitos e credences (saci, boitatá, curupira, caipora) pelo artesanato (esteiras), peneiras, balaios, puçás, redes de pescar, redes de dormir, trançados diversos, arapucas e armadilhas para prender animais e ainda pelas palavras faladas e incorporadas ao linguajar popular: taquara, tapera, tigüera, pururuca, tiririca, pereba, juçá, jirau, mundéu, embira, minguera, peva, sura, pindaíba, jururu e muitas outras.

Dizimadas as tribos indígenas pelos primeiros povoadores e sertanistas, Jacques Félix fundou a vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, em 1645, centro irradiador do povoamento valeparaibano (Guaratinguetá, Tremembé e Pindamonhangaba). Taubaté, Guaratinguetá, Jacareí, Tremembé e Pindamonhangaba constituem os primeiros núcleos de ocupação e povoamento na região do médio Paraíba, na Segunda metade do século XVIII.

Roseira foi centro produtor e exportador de açúcar e aguardente, entre 1780 e 1840, produzindo em quantidade apreciável milho, feijão, arroz, farinha de mandioca, fumo, algodão e azeite de mamona. A partir de 1840, os engenhos de açúcar foram sendo transformados em fazendas produtoras de café, construindo-se as sedes de algumas das atuais fazendas do município, com as tulhas, senzalas, terreiros e tanques para lavar o café. As mais antigas e tradicionais famílias proprietárias de terras, canaviais, engenhos, escravos e fazendas de café no município de Roseira foram: Galvão de França, Guimarães França, Paula Santos, França Rangel, Barros França, Barros de Abreu, Marques dos Santos, Pereira de Barros, Monteiro dos Santos, Monteiro dos Santos França.

À margem do velho Caminho Real esboça-se desde o final do século XVIII, a povoação da Roseira (Roseira Velha) em torno da Capela de Nossa Senhora

da Piedade, em terras de João Galvão de França. Em 1876, o Governo Imperial, tendo criado uma empresa mista para o prolongamento dos trilhos da estrada de Ferro Dom Pedro II (Cachoeira Paulista a São Paulo) escolheu as terras de Francisco Monteiro dos Santos (defronte ao povoado de Roseira Velha) uma área para a Estação da Roseira. O proprietário exigiu indenização ao Governo Imperial. Sabedor desta atitude, o Major Vitoriano Pereira de Barros, proprietário e fazendeiro na área onde se ergue a atual cidade de Roseira, ofereceu ao Governo uma vasta área de terras sem ônus para a construção da estação e de um povoado. Em março de 1877, inaugurava-se a Estação da Roseira, declinava o povoado de Roseira Velha e nascia a futura cidade de Roseira, então bairro do município de Guaratinguetá. Em 17 de dezembro de 1928, foi criado o município de Aparecida, desmembrado de Guaratinguetá, em cuja área territorial incluía-se o bairro da Roseira e toda a área do atual município até o ribeirão Pirapitingui.

Declinando a produção de café, a partir da década de 1880, agravada com as leis abolicionistas e com o esgotamento progressivo do solo, as lavouras de café começaram a ser substituídas pela pecuária leiteira, intensificada a partir de 1920 por famílias mineiras (Vieira da Silva, Vieira Vilela, Vieira da Cruz). Nas várzeas que margeavam o rio Paraíba, os imigrantes italianos e o francês Alfredo José Trannin, iniciaram a cultura pioneira de arroz, batata e tomate.

Em 1933 fundou-se a Cooperativa de Laticínios de Roseira, por iniciativa de um grupo de produtores que viam, nos ideais cooperativistas, a solução para a problemática da época, centralizando a produção e distribuição do leite, juntamente com a Usina Vigor.

Vivia-se uma época de grandes dificuldades e os proprietários rurais buscavam uma saída, uma nova alternativa no setor de colocação de seus produtos. Ao lado da economia de subsistência despontava a produção do leite, instalando em Roseira e, em toda a região valeparaibana, um novo ciclo econômico que seria o último a estruturar o seu desenvolvimento com base na terra.

Em 1950 surgem os japoneses com a agricultura diversificada (legumes) como os Kametaro Hara, Torazo Yaegashi. Eles plantavam nas áreas mais secas das várzeas não muito próximas do rio.

Por volta da década de 70, as sementes de 40 anos da Cooperativa de Roseira deixaram de frutificar, devido à vida difícil da mesma, à pequena produção - consequência do desinteresse dos pecuaristas, bem como a ida dos associados para outras regionais.

A 25 de maio de 1974 efetua-se a fusão com as cooperativas de Pindamonhangaba e Taubaté, a fim de baixar os custos e racionalizar a sistemática

operacional. No dia 12 de outubro do mesmo ano passou a constituir a COMEVAP (Cooperativa do Médio Vale Paraíba), juntamente com as cidades acima.

A Rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951 trouxe novo alento ao Distrito da Roseira e seus moradores iniciaram uma campanha para desmembrá-lo de Aparecida.

No dia 31 de dezembro de 1963, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou a Lei nº. 8050, de autoria do deputado José Armando Zollner Machado, criando o município de Roseira, desmembrado de Aparecida.

No dia 21 de março de 1965 foi eleita e empossada a primeira Câmara Municipal de Roseira e o primeiro prefeito municipal, senhor Antonio Giovanelli.

Os Italianos em Roseira

Inaugurada a estação da estrada de ferro, o Major Vitoriano Pereira de Barros deu início à construção de uma Capela, centro do novo povoado que nascia. Na construção da Igreja da Senhora Sant'Ana, padroeira de Roseira, o Major Vitoriano teve a valiosa colaboração de um italiano, José Grecco, dono de uma olaria de tijolos. A Igreja foi toda construída em tijolos de sua fábrica, bem como as primeiras casas roseirenses. Ainda hoje, encontramos aqui e ali, tijolos antigos com a marca JG estampada.

Outro aspecto da presença italiana em Roseira, vem de encontro com o declínio do café, já citado anteriormente, sobre o fato de que as várzeas que margeavam o rio Paraíba foram ocupadas por famílias italianas, provenientes da Colônia de Canas, outras do Piagui e ainda algumas de Quiririm. Estas famílias italianas drenaram as várzeas iniciando a cultura do arroz, batata e tomate.

Segundo depoimentos orais, as primeiras famílias italianas se estabeleceram no bairro da Roseira, a partir de 1880. As mais antigas famílias italianas que chegaram a Roseira: Caltabiano, Grecco, Fazzeri.

Nas duas primeiras décadas deste século, estabeleceram-se nas várzeas de Roseira, dedicando-se às lavouras de arroz, tomate e batata, as famílias: Ardito, Bassi, Barsotti, Bortolassi, Fioravanti, Garuffi, Giovanelli, Licassali, Marini, Naldi, Nicoletti, Ronconi, Ultramari, Verdelli, Zaccaro.

Atualmente residem no município de Roseira, desenvolvendo atividades diversas (agricultura, pecuária, comércio) as seguintes famílias de origem italiana: Barsotti, Caltabiano, Dandoline, Fazzeri, Gadioli, Giovanelli, Lerário, Ligabo, Manfredini, Pasin, Roma, Villardi, entre outras.

Das famílias italianas residentes no município de Roseira, as que mais se destacaram na agricultura foram: Ardito, Giovanelli, Naldi (atualmente, inclui-se

também a família Gadioli). Nas atividades comerciais: Caltabiano e Fazzeri. Nas atividades políticas (vereadores e presidentes de Câmara): Caltabiano, Fazzeri e Giovanelli. A família italiana de maior descendência residindo na cidade de Roseira: Caltabiano.

Cumprasse assinalar que o primeiro prefeito municipal de Roseira, eleito em dezembro de 1963, foi Antonio Giovanelli e a primeira Câmara Municipal contava com três descendentes de famílias italianas: Gilberto Giovanelli, João Caltabiano e José Nazareth Fazzeri.

Vultos Ilustres

Roseira teve participação ativa na vida política, econômica e social do município de Guaratinguetá, na Segunda metade do século passado e nas primeiras décadas deste século. Affonso de Escragno Taunay, em sua obra "História do Café" cita vários fazendeiros da área de Roseira como grandes produtores e exportadores de café na região valeparaibana paulista. Também muitos fazendeiros roseirenses destacaram-se como membros atuantes do Partido Republicano de Guaratinguetá. Dentre os roseirenses ilustres, destacamos os seguintes:

- Cel. Antonio Marques dos Santos: republicano histórico;
- Antonio Jacinto Guimarães: chefe do Partido Liberal em Roseira;
- Dr. Francisco de Paula Santos: genealogista e historiador;
- Prof. Francisco de Paula Santos: professor e educador;
- João Jacinto de França Guimarães: republicano histórico;
- José Antonio Vieira Salgado: republicano histórico;
- Major Máximo Monteiro dos Santos: oficial da Guarda Nacional e vereador em Guaratinguetá (1845-1848);
- Capitão Máximo de Paula Santos: republicano histórico, vereador e intendente municipal de Guaratinguetá;
- Ten Cel. José Galvão de França Guimarães: oficial do Estado Maior da Guarda Nacional do Município de Guaratinguetá;
- Major Vitoriano Pereira de Barros: fundador da cidade de Roseira e Chefe do Partido Conservador na região. Recusou o título de Barão de Roseira, que lhe foi oferecido pelo Imperador Dom Pedro II;
- Cel. Rodolphiano de Barros: oficial da Força Pública do Estado de São Paulo e campeão sul-americano de hipismo;
- Pedro Galvão de França Rangel: provedor da Santa Casa de Misericórdia de Aparecida;
- Tiburtino Galvão de França Rangel: republicano histórico;

- Frei Angélico Maria de Roseira (Celestino Gonçalves Pimenta) religioso franciscano;
- José Eli Miranda (Zito): bi-campeão mundial de futebol (1958 e 1962)
- José Luiz Pasin: historiador, escritor, professor, ambientalista.

Emancipação político-administrativa

Roseira teve seus primeiros de emancipação surgidos por volta de 1958, na Câmara Municipal de Aparecida, quando vereadores do então Distrito iniciaram conversações neste sentido. Era prefeito de Aparecida, José Geraldo Lemes Valadão, vice-prefeito Manoel Alves Nunes, que não se opuseram aos primeiros comentários sobre o assunto em questão. No entanto, somente na gestão de Sólton Pereira e Oswaldo Elache (1960/1963), Roseira efetivou sua emancipação.

Em 1964, quando Roseira já estava emancipada por lei, ocupavam cadeira na Câmara Municipal de Aparecida, dois representantes roseirenses, os vereadores Jovem Polidoro e Antonio Giovanelli. O prefeito aparecidense era Aristeu Vieira Vilela e seu vice, José Salomão Kopaz, quando foi realizada a eleição para a primeira administração pública de Roseira, que tomou posse em 21 de março de 1965.

A Câmara Municipal de Aparecida quando da emancipação estava assim composta: vereadores Aziz Chad, Virgílio Monteiro dos Santos França, José Pereira da Costa, Aristeu Vieira Vilela, José Ribeiro, Paulo Macedo, Francisco de Sales Souza, Guilherme Bittencourt Ferraz, Wilson Pereira de Lima, Adriano Ferreira da Silva, Pedro Goussain, Alvarino Marcondes e Liquerne Cleto.

O primeiro prefeito de Roseira foi Antonio Giovanelli, tendo por vice-prefeito, Antonio Augusto de Paula Santos Netto e a primeira Câmara Municipal (1965-1968) foi composta pelos vereadores Gilberto Giovanelli, Hélio Miranda, Homero de Paula Santos, Irbis Ferreira Vieira, José Nazareth Fazzeri, Máximo Salles, Nicolau Antonio de Siqueira e Virgílio Monteiro dos Santos, tendo ainda ocupado cadeira no legislativo, como suplentes, Carlos Augusto Burjato, Francisco Caltabiano e José Rosa dos Santos. O primeiro presidente da Câmara foi Virgílio Monteiro dos Santos França e a sessão solene de posse dos dirigentes roseirenses, na manhã de 21 de março de 1965, acontecida no Cine Bandeirante (hoje Supermercado Roseira) contou com dezenas de autoridades, destacando-se o Dr. Pelerson Soares Penido, Secretário de Obras e Viação do Estado de São Paulo (representando o Governador Adhemar Pereira de Barros) e o Deputado Federal Dr. André Broca Filho, além de prefeitos e vereadores das cidades circunvizinhas.

Símbolos Municipais

Roseira possuiu seu primeiro símbolo a partir da Portaria nº. 010, de 16/03/67 (o qual foi substituído pelo brasão descrito na lei municipal nº. 158) durante o governo de seu primeiro prefeito (Antonio Giovanelli) que adotou e instituiu o Escudo, com as seguintes características:

7.1 Escudo

Descrição heráldica:

Escudo português colonial. Em chefe cinco montanhas heráldicas de blau em campo de prata. No centro, sobre um campo de sinople, uma faixa do referido metal formando, no coração um "M". Em contra chefe, na ponta, sobre o mesmo campo de sinople, em ouro, uma roseira florida. Em cima a coroa mural com oito torres de primeiro metal. Como suporte, a destra, um ramo de café com frutos e à sinistra um ramo de arroz, ambos ao natural. Abaixo do escudo, cobrindo as extremidades dos ramos, um listel em blau onde se lê em letras do segundo metal "AGERE NON LOQUI".

Simbologia:

As cinco montanhas representam: a do centro, mais alta, o município de Roseira, entre os municípios irmãos e o conjunto a majestosa Mantiqueira.

O céu argenteo é o ar puro que domina e torna saudável a região.

A faixa branca, formando um "M" é o Rio Paraíba, em cujo leito foi encontrado a Santa Imagem de Maria, a Padroeira do Brasil.

A roseira florida, toda em ouro, com as raízes a mostra, diz bem alto o nome da cidade e do município. A Rosa cantada em sua beleza e perfume, como a rainha das flores, simboliza o valor moral e intelectual de seus filhos, e as raízes expostas mostram a origem nobre de seus habitantes.

Os ramos de café e de arroz dizem da grandeza do passado e as promessas do futuro.

O campo verde é o valor agropecuário de suas terras ubérrimas.

O listel, blau e a divisa em ouro "Agere non loqui", mostra que o valor de um povo está no trabalho, na ação.

A coroa mural, em ouro, simboliza o município.

O escudo tem de comprimento oito módulos e de largura sete módulos e está dividido imaginariamente em nove partes iguais. As torres são em número de oito.

Tal escudo foi incluído nesta pesquisa a título de história, lembrando que o atual é o descrito na lei municipal nº. 158, de 06/03/72 que dispôs a forma e a apresentação do brasão, bandeira e hino municipal.

7.2 Bandeira Municipal:

A bandeira municipal, de autoria do heraldista Prof. Arcinoé Antonio Peixoto de Faria, da Enciclopédia Heráldica Municipalista, é terciada em faixa, sendo a faixa central amarela e carregada de sobre-faixa vermelha e as demais verdes; a faixa central terá 2,5 módulos de largura com a sobre-faixa de 0,5 módulos, que parte do vértice de um triângulo equilátero amarelo, firmado na tralha, onde o Brasão Municipal é aplicado.

De conformidade com a tradição heráldica portuguesa, da qual herdamos os cânones e regras, as bandeiras municipais podem ser oitavadas, sextavadas, esquarteladas em cruz, em sautor e em faixa e ainda terciadas em faixa ou em pala, tendo por cores as mesmas constantes do campo do escudo e ostentando ao centro ou na tralha uma figura geométrica onde o Brasão Municipal é aplicado.

A bandeira municipal de Roseira obedece a essa regra geral, sendo terciada em faixa - o brasão aplicado no triângulo firmado na tralha representa o PODER MUNICIPAL e o triângulo amarelo, representa a própria cidade-sede do Município; o triângulo Heráldico de liberdade, igualdade, fraternidade e a cor amarela simbolizam a glória, esplendor, grandeza, riqueza, soberania. A faixa central amarela carregada de sobre-faixa vermelha, representa na bandeira a irradiação do Poder Municipal que se expande a todos os quadrantes de seu território; a cor vermelha é símbolo de dedicação, amor-pátrio, audácia, intrepidez, coragem, valentia. As faixas verdes, no caso, representam as propriedades rurais existentes no território municipal - a cor verde é símbolo de honra, civilidade, cortesia, abundância, alegria; é a cor simbólica da "esperança" e, a esperança e verde, porque lembra os campos verdejantes na primavera, fazendo "esperar" copiosa colheita.

7.3 Brasão Municipal:

O brasão de armas de Roseira, de autoria do Heraldista Prof. Arcinoé Antonio Peixoto de Faria, da Enciclopédia Heráldica Municipalista, é descrito em termos próprios de heráldica da seguinte maneira:

"Escudo samnítico , encimado pela coroa mural de seis torres, de argente. Em campo de jalde, posto em abismo, um escudete de góles com três bandas de argente, carregado de nove estrelas de seis pontas de de jalde, disposta em uma, três, três e duas e timbrado de uma aspa de góles carregado de uma estrela de seis pontas de jalde. Terrado de sínopla cortado de uma faixa ondada de argente. Nascente desse terrado e flanqueadas a dextra e sinistra do escudo, duas roseiras trepadeiras de sínopla que se enroscam em hastes de sable e floridas de rosas vermelhas. Em chefe, um fuso matriarcal de góles e acantonadas, duas buzinas de caça estilo boiadeiro, de

sables. Como suportes, à destra e a sinistra, haste de arroz ao natural, entrecruzadas em ponta, sobre as quais se sobrepõe um listel de góles, contendo em letras argentinas o topônimo "ROSEIRA" ladeado pelos milésimos "1878" e "1963".

O Brasão, descrito acima em termos de heráldica, tem a seguinte interpretação simbólica:

- a) O escudo samnítico, usado para representar o Brasão de Armas de Roseira, foi o primeiro estilo de escudo introduzido em Portugal por influência francesa, herdado pela heráldica brasileira como evocativo da raça colonizadora e principal formadora da nossa nacionalidade;
- b) A coroa mural que sobrepõe é o símbolo universal dos Brasões de Domínio que, sendo de argentes (prata), de seis torres, das quais apenas quatro são visíveis em perspectiva no desenho, classifica a cidade representada na terceira grandeza, ou seja, sede de Município;
- c) O metal jalde (ouro) do campo do escudo é símbolo heráldico de glória, esplendor, riqueza, grandeza, soberania;
- d) Em abismo (centro ou coração do escudo), o escudete de goles (vermelho) com três bandas de argente (prata) e carregado de nove estrelas de seis pontas de jalde, reproduz as armarias da família Barros tido em homenagem ao seu fundador, o Major Vitoriano de Barros;
- e) O metal argente (prata) é símbolo de paz, amizade, trabalho, prosperidade, pureza, religiosidade; a cor góles (vermelho) simboliza o amor-pátrio, dedicação, audácia, intrepidez, coragem, valentia;
- f) O terrado de sínopla (verde) cortado de uma faixa ondada de argente (prata), representa no Brasão o Vale do Paraíba, em cuja margem direita do lendário rio ergue-se a cidade de Roseira;
- g) As roseira trepadeiras de sínopla (verde) enroscadas em hastes de sable (preto) e floridas de rosas vermelhas, flanqueadas a dextra e sinistra do escudo, vem a se constituir no parlantismo do Brasão posto que delas se origina o topônimo da cidade;
- h) A cor sable (preto) é símbolo de austeridade, prudência, sabedoria, moderação, firmeza de caráter;
- i) Em chefe (parte superior do escudo ponto de honra) o fuso matriarcal de góles (vermelho) é o símbolo de Sant'Ana, padroeira da cidade que, no brasão, é afirmação de fé cristã de seu povo;
- j) As buzina de caça estilo boiadeiro de sable (preto) representam a pecuária, uma das expressões econômicas de maior destaque na vida municipal;
- k) Nos ornamentos exteriores, as hastes de arroz ao natural, apontam o principal produto oriundo da terra dadivosa e fértil;

- l) No listel de góles (vermelho), em letras argentinas (prateadas), inscreve-se o topônimo identificador "ROSEIRA", ladeado pelos milésimos "1878" de sua fundação e "1963" de sua emancipação política.

7.4 Hino Municipal:

Instituído durante o governo do prefeito Messias de Paula Santos, em 18 de setembro de 1991, de acordo com a Mensagem 86/91, encaminha à Câmara Municipal:

HINO MUNICIPAL DE ROSEIRA

Letra: Miriano F. Neves

Música: João José Sampaio

Cidade histórica que nos faz orgulhar
Muito aprazível e enche os olhos da gente
O teu passado é nobre e cheio de esplendor
Ontem menina, hoje amadureceste
Roseira, o vale volta os olhos para ti

Pela grandeza deste povo que trabalha
De sol a sol, seja no campo ou na cidade
Mostrando a todos que é com luta que se vence
Tua gente é simples, de alma pura e pulso forte
Terra de encanto é sempre teu meu coração

Oh! Cidade Flor do Vale,
Com pé firme sempre caminharás
Oh! Cidade Flor do Vale,
Do meu coração jamais sairás.

Quebra-Cangalha e Mantiqueira que te cercam
São testemunhas do progresso desta terra
Do solo fértil traz à mesa o melhor pão
São Paulo sempre se orgulhará de ti
Tua estrada foi caminho do Império
Compondo a história do nosso grande Brasil
Teu nome lembra o cheiro de uma linda flor
Que era botão e hoje já desabrochou
Teus bravos filhos buscam um grande futuro
A ti Roseira, terra amada e varonil.

GOVERNOS MUNICIPAIS

1º Governo Municipal (21/03/1965 a 20/03/1969)

Prefeito: Antonio Giovanelli

Vice-Prefeito: Antonio Augusto de Paula Santos Neto

Vereadores: Gilberto Giovanelli
Hélio Miranda
Homero de Paula Santos
Irbis Ferreira Vieira
José Nazareth Fazzeri
Máximo Salles
Nicolau Antonio Mathias
Paulo José de Siqueira
Virgílio Monteiro dos Santos França

2º Governo Municipal (21/03/69 a 30/01/73)

Prefeito: Jovem Polydoro

Vice-Prefeito: Ivis Ferreira Vieira

Vereadores: Carlos Sant'Ana
Ednardo José de Paula Santos
Homero de Paula Santos
Irbis Ferreira Vieira
Máximo Salles
Nadir Marques Vieira
Paulo José de Siqueira
Vagno de Campos Figueira

3º Governo Municipal (31/03/73 a 31/01/77)

Prefeito: Ivis Ferreira Vieira

Vice-Prefeito: Benedito Pereira Coelho

Vereadores: Carlos Sant'Ana
Claudio Luiz dos Santos
Francisco Caltabiano
Homero de Paula Santos
Irbis Ferreira Vieira
Luiz de Paula Santos
Roberto Vilela
Vagno de Campos Figueira
Walter de Souza Guimarães

4º Governo Municipal (01/02/77 a 31/01/83)

Prefeito: Jovem Polydoro

Vice-Prefeito: Célio David Reis

Vereadores: Carlos Sant'Ana
Francisco de Assis Vieira Filho
Ivanil Vieira de Souza
João Fernandes dos Santos
Job Polidoro
José Nazareth Fazzeri
José Roberto Valle
Messias de Paula Santos
Sebastião Tadeu de Lima

5º Governo Municipal (01/02/83 a 31/12/88)

Prefeito: Francisco de Assis Vieira Filho

Vice-Prefeito: Messias de Paula Santos

Vereadores: Benedito Paulo Vilela Rodrigues
Eugenio Pacheli Antunes
Joaquim Antonio dos Reis
Job Polidoro
José Camilo de Lélis Lima
José Custódio de Miranda
José Nazareth Fazzeri
Nelson Aparecido Coelho Pereira
Vito Julio Lerário

6º Governo Municipal (01/01/89 a 31/12/92)

Prefeito: Messias de Paula Santos

Vice-Prefeito: José Roberto Valle

Vereadores: Agenor dos Santos
Carlos Alves dos Santos
Durval de Paula Santos
João Luiz dos Santos Filho
José Benedito Monteiro
José Custódio de Miranda
José Ferreira Pinto
José Ricardo da Silva
Luís Ferreira
Marcos de Oliveira Galvão
Valdir Ferreira

7º Governo Municipal (01/01/93 a 31/12/96)

Prefeito: Orlando Rosa de Moura

Vice-Prefeito: Marcos de Oliveira Galvão

Vereadores: Benedito Moreira Gonçalves
Claudio Luiz dos Santos
João Garcia de Miranda
Jonas Polydoro
José Custódio de Miranda
José Ferreira Pinto
Marco Aurélio da Silva
Nelson Aparecido Coelho Pereira
Roberto Israel

8º Governo Municipal (01/01/97 a 31/12/2000)

Prefeito: Jonas Polydoro

Vice-Prefeito: Carlos Alves dos Santos

Vereadores: Benedito Coelho Pereira
Benedito Moreira Gonçalves
Fernando Celso Pereira da Silva
João Batista Ramos
Joel Polydoro
José Altair da Silva Rangel
José Ferreira Pinto
Maria Antonia de Paula Santos
Roberto Israel

9º Governo Municipal (01/01/2001 a 31/12/2004)

Prefeito: Jonas Polydoro

Vice-Prefeito: Benedito Coelho Pereira

Vereadores: Anderson Timóteo Leite
Benedito Moreira Gonçalves
Célio Francisco de Oliveira
Fernando Augusto de Siqueira
Joel Polydoro
José Altair da Silva Rangel
José Luiz Teixeira
Walter José Ronconi Fazzeri
Wládmir Roberto Garcia de Paula Santos

Vereador Licenciado: Edson Medeiros de Souza

10º Governo Municipal (01/01/2005 a 31/12/2008)

Prefeito: Marcos de Oliveira Galvão

Vice-Prefeito: José Altair da Silva Rangel

Vereadores: Almir Neves Ramos
Célio Francisco de Oliveira
Claudinei Ramos
Espedito Duarte Rodrigues
João Eleutério da Silva Filho
Joel Polydoro
José Augusto Coelho Pereira
José Geraldo dos Santos
Marlene Pereira de Siqueira da Silva

Vereador Licenciado: Antonio Altamir Vieira do Prado

11º Governo Municipal (01/01/2009 a 31/12/2012)

Prefeito: Marcos de Oliveira Galvão

Vice-Prefeito: Fernando Augusto de Siqueira

Vereadores:
Claudinei Ramos
Espedito Duarte Rodrigues
Francisco de Assis Moura Vieira
João Vilaça Guimarães
Joel Polydoro
José Augusto Coelho Pereira
José Roberto da Palma
Marlene Pereira de Siqueira Silva
Nelson Teixeira Madruga